

Metáfora conceptual de tempo em fábula chinesa

Márcia Schmaltz

Resumo: *The present paper devises a temporal inference analysis of a Chinese fable in the light of Conceptual Metaphor Theory by Lakoff and Johnson (1980, 1999) and its Chinese counterpart-study by Yu (1998); with the purpose to validate, through empirical evidence, a description of how the spatial domain maps onto the temporal domain in fable, thus allowing such inference to be justified.*

Palavras-chave: *Linguística Cognitivo-Experiencialista; Metáfora Conceptual; chinês; fábula.*

1. Introdução

Este estudo constrói uma análise da inferência temporal da fábula chinesa *A Matéria e o Espírito*, à luz da Teoria da Metáfora Conceptual de Tempo, de LAKOFF e JOHNSON (1980, 1999) e da análise realizada por YU (1998) para o chinês. Através de evidências empíricas, pretende-se confirmar uma descrição de mapeamento do domínio espacial ao domínio temporal da fábula, o que permite justificar esta inferência. O artigo inicia com uma visão corrente sobre o surgimento e a definição de fábula chinesa, em seguida apresenta o recorte teórico adotado para análise da fábula escolhida e, ao final, oferece algumas conclusões.

As fábulas chinesas surgiram como uma tipologia narrativa independente e atingiram seu primeiro apogeu no final do período dos Estados Combatentes (475-221 a.C). Inicialmente, eram utilizadas como recurso retórico para o fortalecimento da argumentação, por filósofos, príncipes e estrategistas, dentre as mais variadas escolas de doutrinas filosóficas. O objetivo dessas narrativas era expor, satirizar ou persuadir alguém em relação a alguma verdade, de maneira implícita, para preservar a face dos envolvidos. Devido ao uso recorrente, as fábulas tornaram-se um gênero autônomo e muito popular, sendo que muitos dos seus títulos transformaram-se em provérbios e expressões idiomáticas, empregados em larga escala no cotidiano chinês.

Enquanto a definição ocidental de fábula é a de uma história curta, que traz uma lição de moral ao leitor, para o chinês essa definição parece ser insuficiente,

já que a moral nem sempre está explicitada, e sim subentendida. Isso possibilita ao leitor chegar às suas próprias conclusões a partir das marcas deixadas pelo autor da fábula somadas à própria experiência do leitor. Essas possíveis interpretações das fábulas foram motivadoras deste texto, que tem como propósito analisar a inferência temporal possível da fábula *A matéria e o espírito* (CAPPARELLI; SCHMALTZ, 2007), que não se esgota em si mesma:

A matéria e o espírito **Han Feizi**

O rei Xiang, do Estado de Zhao, aprendeu a arte de dirigir carruagem com Wang Yuqi. Depois de algum tempo, o rei apostou uma corrida com Wang. Ele chegou a trocar os cavalos três vezes, mas, assim mesmo, perdeu.

“Ao me ensinar a dirigir carruagem, não me ensinou tudo o que sabia”, disse o rei.

“Eu ensinei tudo o que sei”, respondeu Wang. “Mas Vossa Majestade não usou corretamente as habilidades aprendidas. O que existe de mais importante, ao dirigir uma carruagem, é que os corpos dos cavalos sintam-se confortáveis, em relação à carruagem, e que a mente do condutor esteja em harmonia com os cavalos. Só assim pode conseguir grande velocidade e percorrer grandes distâncias.”

“Quando vem atrás de mim, o Senhor quer sempre me alcançar, e quando está na minha frente, tem medo de que eu o alcance. Conduzindo carruagens em corrida de longa distância, a gente está na frente ou atrás. Não importa. E o senhor, na frente ou atrás, fica com a mente sempre ocupada comigo. Assim, como pode ficar em harmonia com os cavalos? É por isso que não consegue ganhar a corrida” (CAPPARELLI; SCHMALTZ, 2007, p. 89).

Uma das interpretações correntes dessa fábula é que ela versa sobre a necessidade de concentração no tempo presente, de se desgarrar do passado e abstrair o futuro, para se atingir um objetivo ou uma meta. Como a mente criativa pode extrair essa interpretação? É o que se pretende desvelar a partir do recorte teórico exposto na seção a seguir.

2. Abordagem teórica

A análise da fábula aqui apresentada é uma reflexão de como a conceptualização abstrata, como o tempo, é construída em termos de experiência e natureza da mente reflexiva dos indivíduos, em uma fábula chinesa. A perspectiva teórica é a da Linguística Cognitivo-Experiencialista, que postula que a compreensão humana sobre o mundo se dá por meio de metáforas e que esta

compreensão está estruturada nas experiências sensório-motoras dos indivíduos, inseridos em um dado contexto sociocultural. Um dos campos de pesquisa dessa linha teórica procura entender como a natureza corpórea da cognição humana envolve a procura por conexões possíveis entre a mente-corpo e a linguagem-corpo, inseridas em comunidades culturais.

Lakoff e Johnson (1980, 1999) e Lakoff (1987a) propõem um mapeamento sistemático entre dois conceitos: o DOMÍNIO-FONTE, que é uma fonte de inferências relacionada ao mundo concreto, e o DOMÍNIO ALVO, aos quais as inferências se aplicam aos domínios abstratos, a partir de dois tipos de estruturação para a experiência corpórea dos indivíduos, mapeada em experiências pré-conceptuais e em termos físicos: a estrutura de nível básico e o esquema de imagens cinestésicas.

(a) estrutura de nível básico (ROSCH, 1978) – as categorias deste nível são definidas pela convergência da percepção gestaltica, capacidade de movimento corpóreo e habilidade para formar imagens mentais criativas;

(b) esquema de imagens cinestésicas – decorrente das experiências corpóreas dos indivíduos – como CONTÊINER, EQUILÍBRIO, FONTE-PERCURSO-META, TRAJETÓRIA, CICLO, ATRAÇÃO, CENTRO-PERIFERIA e CORRELAÇÃO –, utilizadas para a compreensão ou formação de metáforas a partir de projeções de um domínio físico para um domínio abstrato. A noção de “tempo”, por exemplo, é entendida convencional e inconscientemente por estar relacionada à experiência corpórea e cultural.

A conceptualização sobre o tempo tem sido um debate filosófico instigante, envolvendo postulados divergentes entre si, que perpassam os séculos e diferentes culturas. Apesar de suas contradições, percebe-se um ponto em comum, isto é, a conceptualização do tempo se dá através de conceitos espaciais. Isso talvez seja decorrente da relação entre a filogênese e a ontogênese humanas, em que as concepções de relações espaciais são desenvolvidas ou adquiridas antes das relações temporais. É o que se verifica porque a compreensão sobre o tempo é uma versão metafórica do entendimento humano de movimento no espaço (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.139). A metáfora conceptual TEMPO COMO ESPAÇO adquire um status universal ao ser demonstrada nas diversas línguas através do uso de expressões espaciais para expressar noções temporais. É o que demonstram os estudos desenvolvidos por Lakoff e Johnson (1980, 1999), Yu (1998), dentre outros autores, que serão apresentados nas seções seguintes.

3. Estudos de metáforas temporais

Lakoff e Johnson (1980, 1999), através de evidências das línguas, postularam que o tempo é conceptualizado em termos de espaço e formularam uma metáfora central, com um modelo detalhado de inferências.

Metáfora Geral: PASSAGEM DE TEMPO É MOVIMENTO.

Ontologia:

O tempo é compreendido como um objeto ou cenário que está em movimento.

Condição precedente:

O tempo presente tem a mesma locação do Observador¹.

Mapeamento:

O tempo concebido como um objeto e em movimento recebe uma orientação frente-trás; logo, o futuro está de frente para o Observador e o passado está atrás do Observador. Um objeto está se movimentando em direção a um Observador estacionário, que é o centro dêitico.

Premissa:

Visto que movimento é contínuo e unidimensional, a passagem do tempo também o é.

A partir dessa Metáfora central, Lakoff e Johnson (1980, 1999) especificaram dois casos especiais: TEMPO EM MOVIMENTO e OBSERVADOR EM MOVIMENTO.

Caso 1: TEMPO EM MOVIMENTO

O Observador está fixo e o tempo é um objeto que se move em direção a ele, designado de frente e equivalente ao futuro. O tempo que está passando pelo Observador é o presente, e o tempo que passou pelo Observador é o passado, que, por sua vez, está atrás do Observador.

Premissas:

Se o tempo 2 segue atrás do tempo 1, então o tempo 2 é o futuro em relação ao tempo 1.

O Observador está no tempo presente. O tempo tem uma velocidade relativa ao Observador.

Visto que o tempo está em movimento, ele tem uma força capaz de exercer um impacto no Observador e no ambiente pelo qual perpassa.

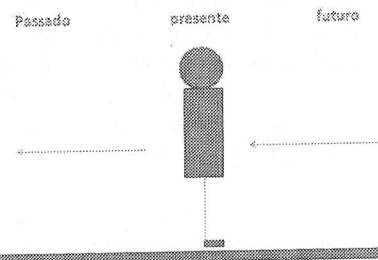


Figura 1. Caso 1: Tempo como um objeto em movimento (Fonte: YU, 1998: 105)

¹ "Observador" sinalizado com a letra "O" em maiúsculo é para sinalizar seu nível abstrato.

Para melhor compreensão, veja os exemplos das instâncias de mapeamento do domínio espacial para o domínio temporal, sob a Metáfora Conceitual central PASSAGEM DE TEMPO É MOVIMENTO:

- (1) a. The time will come when... "O tempo virá quando..."²
- b. Christmas is coming up. "O Natal está chegando."

Caso 2: OBSERVADOR EM MOVIMENTO

Os tempos são fixados em locações e o Observador está em movimento, em relação ao tempo. A localização do Observador é o presente, e ele está indo em direção ao futuro.

Premissas:

O tempo tem uma extensão e ela pode ser mensurada. Um tempo estendido é como uma área espacial, que pode ser concebida como uma área delimitada. O Observador pode se mover mais rápido ou mais devagar, devido à agenda ou a outros Observadores.

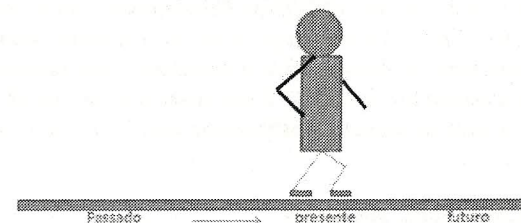


Figura 2. Caso 2: Tempo como um cenário estacionário (Fonte: YU, 1998: 105)

Para melhor compreensão, veja os exemplos:

- (2)a. We're coming up on Christmas. "Estamos chegando no Natal".
- b. We're getting close to your birthday. "Estamos nos aproximando de seu aniversário".
- c. He passed the time happily. "Ele passa o tempo todo feliz".

Os dois casos apresentados, TEMPO EM MOVIMENTO e OBSERVADOR EM MOVIMENTO, se enquadram na metáfora de ORIENTAÇÃO DE TEMPO, em que o Observador está no presente, o futuro está localizado na sua frente e o

² Os excertos e as citações de textos teóricos, em chinês e em inglês, foram traduzidos pela autora, para o português.

passado está atrás dele, tendo a “passagem” do tempo em comum. Na primeira metáfora, o Observador é o fundo e os tempos são figuras que se movimentam em relação a ele, enquanto que na segunda metáfora, o Observador é a figura e o tempo é o fundo, isto é, os tempos são locações delimitadas e fixas pelas quais o Observador se movimenta.

Lakoff e Johnson (1999, p.148-149) também observam que a diferença é mínima entre os dois casos. Os papéis são inversos nas relações figura e fundo e podem atuar em conjunto, como par objeto-locação, em uma única expressão linguística, denominada de fenômeno de **dualidade**, como ocorre na sentença (3):

(3) Within the coming weeks. “Dentro das semanas vindouras”.

Na sentença acima, a expressão “dentro/within” é tomada como metáfora de tempo-cenário, por delimitar o período em semanas. Já a palavra “vindouras” faz com que “semanas” se torne metáfora de tempo-objeto, adquirindo movimento relativo ao Observador, pelos autores.

Os exemplos referem-se às instâncias de mapeamento do domínio espacial para o domínio temporal sob a Metáfora Conceptual central PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO. Demonstram como as inferências abstratas de tempo são, de fato, versões metafóricas de inferências espaciais, que podem ser resumidas por uma metáfora conceptual singular. A seguir abordaremos o tempo em termos de domínio de experiência (como o espaço) em chinês.

4. O tempo como espaço, em chinês

A Metáfora Conceptual PASSAGEM DE TEMPO É MOVIMENTO é uma maneira da mente humana compreender um conceito abstrato em termos de um domínio de experiência (como o espaço). Tem validade para a maioria das línguas, inclusive para o chinês.

Na língua chinesa, contudo, os itens lexicais no domínio temporal são estruturados sistematicamente, via transferência metafórica do domínio espacial, de forma mais explícita do que ocorre em português ou inglês. Isso fica evidenciado na tradução literal da composição dos morfemas para “passado”, “presente” e “futuro”, em chinês, nos exemplos entre parênteses abaixo.

Existem dois mapeamentos conceptuais, onde o passado é tomado do ponto de vista do Observador:

Caso 1: O PASSADO É O TEMPO QUE PASSOU POR UM OBSERVADOR ESTACIONÁRIO.

Exemplo:

- (4) a. guo-qu (passar-ir): “passado; passar”
b. yi-wang (já-ir): “passado”

Todos os itens lexicais acima conceptualizam o passado como algo que tenha passado por um Observador estacionário.

Caso 2: O PASSADO É O TEMPO QUE FOI DEIXADO PARA TRÁS, PELO OBSERVADOR EM MOVIMENTO.

Exemplo:

- (5) a. li-cheng (calendário-percurso): “passado; ocorrido no passado”
b. lu-cheng (rua-percurso): “passado; ocorrido no passado”
c. qian-chen (anterior-poeira): “passado”

Todos os itens lexicais acima conceptualizam o passado como um trajeto percorrido por um Observador em movimento, como em (5a,b), ou como um rastro deixado por ele, em (5c). Essa acepção é empregada como linguagem figurativa, conforme está sinalizado em dicionário (LÜ; DING, 2002).

Mesmo que as seis palavras denotem o “passado”, elas se diferem no uso: em (3) referem-se ao passado de forma mais neutra do que nas palavras de (4), que são mais subjetivas, isto é, a partir da experiência e do ponto de vista de um ou mais sujeitos.

Em (4), pode ser observado que os itens lexicais *qu* e *wang*, que denotam o sentido de “ir” e que têm como antônimo *lai* “vir”, quando empregados em conjunto, podem denotar um sentido espacial e concreto de fluxo e contrafluxo, como:

- (6) a. Nimen lai qu ziyou.
(vocês-vir-ir-livre):
“Vocês são livres para ir e vir”.
b. Jie shang lai wang de ren hen duo.
(rua-em cima-vir-ir-NOM-pessoa-mesmo-muito):
“Há um movimento intenso de pessoas pela rua.”

No entanto, os itens lexicais *qu* e *wang* também podem denotar um sentido mais abstrato e estendido, de “contato” ou “intercâmbio/relacionamento”, como é demonstrado nos exemplos abaixo:

- (7) a. Liang jia hu bu lai qu.
(duas-família-mútuo-não-vir-ir):
“As duas famílias não se relacionam”
b. Wo he ta jingchang lai wang.
(Eu-e-ele-freqüentemente-vir-ir):
“Eu tenho contato com ele freqüentemente”.

Note que, em (7), há não só o sentido espacial, mas também um sentido abstrato estendido, devido ao fato de os sujeitos envolvidos não “irem” e “virem”, no sentido estrito ou físico, mas manterem contato, através de outras maneiras (como telefone, cartas ou correios-eletrônicos, etc.) que diminuem a distância entre eles.

Yu (1998) observa que esses itens lexicais, com sentido espacial, são sistematicamente empregados no domínio temporal para indicar a passagem do tempo. Tanto *qu* quanto *wang* “ir” indicam o tempo no passado, embora sejam utilizados em diferentes contextos. Os exemplos de (8), abaixo, contêm alguns itens lexicais ou expressões que incluem *qu* “ir” (LÜ; DING, 2002):

- (8) a. *qu-nian* (ido-ano): “ano passado”
- b. *qu-sui* (ido-idade): “ano passado”
- c. *qu-qiu* (ido-outono): “último outono; outono do ano passado”
- d. *qu-dong* (ido-inverno): “último inverno; inverno do ano passado”
- e. *qu-ri* (ido-dia): “dias passados; tempo passado”

Os exemplos (8a-d) demonstram que *qu* “ir” é usualmente empregado para se referir ao “ano passado” ou a “uma estação em particular do ano passado”, com exceção de (8e), que se refere ao passado em geral. Já *wang* “ir” é utilizado, usualmente, para referências ao tempo passado em geral (YU, 1998):

- (9) a. *wang-ri* (ido-dia): “dias passados; tempos passados”
- b. *wang-nian* (ido-ano): “anos anteriores; anos passados”
- c. *wang-shi*² (ido-tempo): “passado”³
- d. *wang-shi*⁴ (ido-assunto): “coisas/assuntos do passado”

Os itens lexicais de (8) e (9) ilustram que o passado é conceptualizado como sendo constituído por entidades móveis que tenham um passado, exatamente como o Caso 1, de Lakoff e Johnson, citado anteriormente.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980, 1999), o tempo presente tem a mesma locação do Observador, não importando o caso – se um ou dois. Em ambos, o tempo presente é o ponto onde se localiza o Observador. Dessa forma, existe apenas um mapeamento conceptual.

³ Os números sobrescritos colocados em algumas sílabas, como nos exemplos (9c,d), indicam a diferença de tons, representada por diferentes caracteres. Sempre que houver sílabas homófonas, iremos distingui-las.

Caso 1 e Caso 2: O PRESENTE É O TEMPO ONDE SE LOCALIZA O OBSERVADOR.

Outra vez, existe no chinês um grande número de palavras que refletem o “presente”. Considere os seguintes exemplos, extraídos de Lü e Ding (2002):

- (10) a. *xian-zai* (presente/actual-existir/estar/em): “agora; atual; no presente”
- b. *xian-shi* (presente/actual-tempo): “agora; no presente”
- c. *mu-qian* (olhos-frente): “atualmente; agora”
- d. *yan-mian-qian* (olhos-face-frente): “no momento; agora; no presente”
- e. *jiao-xia* (pés-embaixo): “no momento; agora; no presente”

Em (10 a,b), Yu (1998) afirma que o tempo presente é conceptualizado como co-presente ou co-existente ao Observador. Em (10 c-e), um termo espacial é usado em combinação com uma parte do corpo para se referir ao tempo presente e conceptualizado metaforicamente como o lugar em que o Observador está. Embora o tempo presente seja marcado com *qian* “em frente de; antes”, tal como o futuro, a distinção é demarcada, ao empregar palavras que denotam partes do corpo. Essas palavras são localizadores espaciais (ver adiante) por natureza, para denotar proximidade do Observador.

Em chinês, o futuro é estruturado em paralelo, mas de maneira oposta ao passado, no léxico. Os dois mapeamentos conceptuais que representam os casos especiais são (YU, 1998):

Caso 1: O FUTURO É O TEMPO QUE VEM EM DIREÇÃO A UM OBSERVADOR ESTACIONÁRIO.

Exemplos:

- (11) a. *jiang-lai* (estar para-vir): “futuro”
- b. *wei-lai* (ainda não-vir): “futuro”

Caso 2: O FUTURO É O TEMPO ESTACIONADO EM FRENTE A UM OBSERVADOR EM MOVIMENTO.

Exemplos:

- (12) a. *qian-cheng* (frente-jornada): “futuro; porvir”
- b. *qian-tu* (frente-caminho): “futuro; porvir; perspectiva”
- c. *qian-jing* (frente-cena): “futuro; porvir; perspectiva”

Os exemplos em (11), segundo análise de Yu (1998), são do Caso 1, onde o futuro é conceptualizado como entidade que “não veio” ou “está por vir” em direção ao Observador estacionário; e os exemplos de (12) são do Caso 2, onde o futuro é conceptualizado como uma “jornada, caminho ou cena em frente” de um Observador em movimento.

Até aqui, foram expostos os itens lexicais, em chinês, para o “passado”, o “presente” e o “futuro”, que, de acordo com Yu (1998), demonstram que essas palavras originalmente eram ou contêm termos espaciais mapeados no domínio temporal via metáfora. Observa-se, também, que algumas delas são polissêmicas, tendo como sentido básico, o espacial e, como sentido estendido, o temporal. Outros tiveram seu sentido totalmente transferido do domínio espacial para o domínio temporal, tendo perdido o senso espacial original e mantido apenas o sentido temporal.

Yu (1998), contudo, observa que o futuro, em chinês, é conceptualizado à frente do Observador e o passado atrás, o que fica evidenciado através do tipo de verbo empregado. Para o futuro, são empregados verbos que literalmente significam “olhar para frente”, mais os itens lexicais na posição de objetos, em estruturas de [V+O]:

- (13) a. zhan³ -wang qian-cheng (avistar-adiante-frente-jornada):
 “olhar para o futuro”
 b. zhan¹ -wang wei-lai (ver-adiante; não-vir): “olhar para o futuro”

Esses mesmos verbos também podem ser empregados no sentido espacial e básico, propriamente dito:

- (14) a. Ta pa shang shan ding zhan³ -wang yuan-fang
 (ele escalar montanha topo avistar-adiante longe lado):
 “Ele escalou até o topo da montanha para avistar mais longe”
 b. Ta tai-tou zhan¹ -wang, kanjian yuan-fang you yi zuo baota.
 (ele levantar-cabeça ver-adiante, ver longe-lado ter um CLAS pagoda):
 “Ele levantou a cabeça e viu ao longe um pagoda”

O sentido das palavras em (14) é espacial, enquanto que em (12 a,b) é temporal. Esse é um resultado da metáfora genérica MENTE É O CORPO, em que ações físicas estão relacionadas a atividades mentais. O senso espacial e físico de “olhar para frente” é básico, visto que, no mundo físico, a pessoa “olha para frente” e pode “ver” qualquer coisa diante de seus olhos. No sentido abstrato, entretanto, a pessoa “olha para frente” mas não “enxerga” o futuro de fato, mesmo que isso seja afirmado com naturalidade (YU, 1998, p. 101).

Para o passado, há numerosos verbos que podem ser empregados. Uma característica comum é a de que todos contêm um morfema com sentido espacial básico (YU, 1998). Vide os exemplos:

- (15) a. hui-gu (voltar-olhar para trás): “retrospectiva; rever”
 b. hui-yi (voltar-lembrança): “relembrar; recordar; lembrança”

Interessante observar que o morfema chinês *hui* pode ser comparável ao prefixo inglês e português ‘re-’, significando “voltar”, “retorno”, “iteração de movimento”. Assim, as pessoas recordam, revêem ou revivem o passado, o que equivale, em chinês, à necessidade de “voltar-se”. Às vezes, no entanto, esse sentido de volta é mais do que “virar-se” ou “voltar-se”, como se percebe no verbo em (16):

- (16) a. zhui-yi (perseguir/correr atrás-memória): “recordar”
 b. zhui-hui (perseguir-remorso): “arrepender-se”

Segundo Yu (1998), os exemplos acima demonstram que a atividade mental (pensar em alguma coisa do passado) está metaforizada como uma atividade física do corpo. Os itens lexicais *hui* “voltar-se; virar-se” ou *zhui* “perseguir; ir atrás de” suportam a afirmação de que sentidos abstratos tendem a ser derivados de um mundo concreto e físico, e de que a abstração tende a ter uma base experiencial na experiência corpórea (LAKOFF, 1987a), bem como o mapeamento temporal é ativado por verbos de ação e movimento (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.149).

Na próxima seção será discutido os termos espaciais chineses utilizados no domínio temporal para o chinês.

5. Termos espaciais chineses utilizados no domínio temporal

O uso de termos espaciais no domínio temporal é algo tão convencionalizado que não é visto como metáfora pelos falantes nativos (YU, 1998, p. 107). Os termos envolvidos são polissêmicos, contudo, o sentido espacial é mais básico do que o sentido temporal. Essas palavras existem em pares de antônimos e são chamadas de “localizadores espaciais” nas gramáticas chinesas (CHAO, 1968; LI; THOMPSON, 1981), que sugerem que esses sejam primeiramente espaciais e, por extensão de sentido, se tornem temporais.

- (17) *qian*
 a. em frente, adiante
 I. lou qian (edifício-frente): “em frente ao edifício”
 II. qian pai (frente-fila): “fila da frente”
 b. antes, mais cedo
 I. ji tian qian (algum-dia-antes): “alguns dias antes”
 II. wanfan qian (jantar-antes): “antes do jantar”
 III. qian-tian (antes-dia): “antes de ontem”

(18) *hou*

- a. atrás, às costas, por último
- i. wu hou (casa-atrás): "atrás da casa"
- ii. hou pai (atrás-fila): "fila de trás"
- b. depois, mais tarde
- i. ji tian hou (algum-dia-depois): "alguns dias depois"
- ii. wanfan hou (jantar-depois): "depois do jantar"
- iii. hou-tian (depois-dia): "depois de amanhã"

Os morfemas *qian* e *hou* são empregados simetricamente para denotarem um ponto de tempo, "antes" ou "depois" de uma referência de tempo do futuro ou do passado. Como foi afirmado anteriormente, o morfema chinês *qian* denota o tempo futuro, como em (12). Ele se encaixa no Caso 2, em que o futuro é tomado do ponto de vista do Observador, em movimento em direção à frente. A aparente contradição de (17bIII) *qian-tian* e (18bIII) *hou-tian* deve ser tomada como exemplos de Caso 1, em que o tempo é tido como entidade em movimento, que se direciona de frente para o Observador estacionário. Isso quer dizer que a "frente" e o que está "atrás" são aspectos que têm de ser considerados em relação ao tempo, como objeto, e não como referência espacial do Observador (YU, 1998, p. 106-107).

O tempo pode ser concebido como um trem em movimento, composto por vagões – locações temporais –, como está demonstrado na figura 3. Yu (1998) supõe que o vagão 3 seja tomado como "hoje"; o vagão 2, que precede o vagão 3 no espaço e no tempo, seja o "ontem"; e o vagão 1, que vem "antes" ou "na frente" de ontem e mais próximo da "frente" da locomotiva, seja tomado como "antes de ontem". Na mesma lógica, o vagão 4, como "amanhã", vem depois do vagão 3, "hoje", sendo que o vagão 5 é tido como "depois de amanhã".

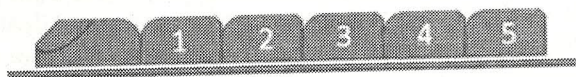


Figura 3. Tempo concebido como um trem em movimento. (Fonte: YU, 1998: 107)

A aparente contradição de usos resulta de uma diferença na seleção de pontos de referência entre o tempo e o Observador, e a diferença em parte se distingue através do Caso 1 e do Caso 2 (YU, 1998).

Outro par de localizadores espaciais são *shang* "em cima; acima" e *xia* "abaixo; embaixo", sendo que o primeiro denota um tempo anterior, enquanto o segundo corresponde a um tempo posterior, como está demonstrado nos exemplos abaixo (YU, 1998, p. 110):

- (19) a. shang-wu (em cima-turno): "de manhã; turno da manhã"
- b. xia-wu (em baixo-turno): "de tarde; turno da tarde"
- (20) a. shang-ban-nian (em cima-metade-ano): "primeiro semestre"
- b. xia-ban-nian (em baixo-metade-ano): "segundo semestre"

Em paralelo a *shang* e *xia* estão *tou* "cabeça" e *di* "base", conforme explicitam os exemplos abaixo, segundo Yu (1998, p. 110):

- (21) a. yue-tou (mês-cabeça): "começo do mês"
- b. yue-di (mês-base): "fim do mês"
- (22) a. nian-tou (mês-cabeça): "começo do ano"
- b. nian-di (mês-base): "final de ano"

Os exemplos (19-20) e (21-22) são parecidos, no sentido de "em cima" ser a referência espacial de "cabeça" em relação ao corpo, e "embaixo" ser equivalente a "base", como referência espacial, fazendo, portanto, uma transferência para o domínio temporal. Isso ocorre devido à correspondência cognitiva entre conceitos espaciais e conceitos temporais, evidenciando que tais correspondências são baseadas em experiências corpóreas do mundo físico (YU, 1998).

O autor apresenta um terceiro caso especial, além dos propostos por Lakoff e Johnson (1999), onde o tempo é conceptualizado como se estivesse se movimentando na mesma direção do Observador, que também está em movimento:

- (23) a. We're racing against time to finish the assignment.
"Estamos correndo contra o tempo, para finalizar o contrato".
- b. We are ahead of time. "Estamos à frente do tempo".
- c. Time waits for no man. "O tempo não espera ninguém".
- d. shijian bu deng ren (tempo-não-esperar-pessoa):
"O tempo não espera ninguém".
- e. shi zhi jinri (tempo-até-hoje): "Até os dias de hoje"

Os exemplos acima se encaixam no Caso 2, por existir um tempo-cenário sobre o qual o Observador trafega do passado em direção ao futuro, mas com uma diferença:

O tempo-objeto trafega junto ao Observador em movimento na mesma direção. O tempo-objeto determina o tempo presente: é como se fosse um viajante virtual, movendo com seu próprio ritmo sobre o tempo-cenário, chegando às locações e a tempos arranjados previamente, marcando sempre o tempo presente. O Observador trafega na mesma direção do tempo-objeto, como se fizesse uma corrida contra ele (YU, 1998, p.125).

Dessa forma, Yu (1998) propõe um terceiro caso:

Caso 3: TEMPO E OBSERVADOR MOVENDO-SE PARA A MESMA DIREÇÃO

O tempo tem uma natureza dual, isto é, consiste tanto de movimento, como tempo-objeto, algumas vezes personificado, e locações fixas, como tempo-cenário. O tempo-objeto é uma espécie de viajante virtual, com ritmo próprio, e atinge locações e tempos arranjados previamente, que vêm do passado e vão em direção ao futuro, se movendo na mesma direção do Observador em movimento, sob um tempo-cenário estacionário. É exigido que o Observador mantenha o mesmo ritmo do tempo-objeto, apesar de o Observador poder ficar atrás, junto, ou mesmo na frente do tempo-objeto.

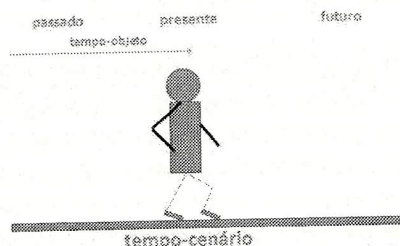


Figura 4. Caso 3: Tempo como um objeto em movimento como cenário estacionário (Fonte: YU, 1998: 126)

Em (23a-d), o tempo é conceptualizado como sempre se movendo no seu próprio ritmo, e o Observador tem de manter o mesmo ritmo, para não ser deixado para trás, como está evidenciado em (23a,b), onde não só tem de cumprir o passo com o tempo, mas tem de andar na frente do tempo. Já em (23e), o tempo é como um objeto em movimento, que se locomove do passado, como “ontem”, até chegar a “hoje” e deverá se mover em direção ao “amanhã”, no futuro.

A noção de que um ou outro possa se deslocar para trás, à frente ou lado a lado, junto ao tempo, é uma das características do Caso 3, que conceptualiza TEMPO COMO CORRIDA, onde o tempo é personificado e está junto com o Observador, como se fossem dois corredores (YU, 1998). Veja o exemplo abaixo:

- (24) women yinggai yu shidai tong bu, yu gaige tong xing.
(nós dever com era junto passo, com reforma junto andar)
“Nós devemos andar ao passo de uma época, andar junto às reformas.”
- (25) Lishi de chelun gungun xiang qian, juebu dao zhuan
(história MOD roda rolar em direção de frente, nunca reverter giro)
“A roda da história só gira para frente, nunca se revertendo”.

Em (24), está explicitado o fato de que a China está atravessando uma época de mudanças e que a razão da mudança são as reformas. Esta sentença denota que a mente das pessoas deve acompanhar essas mudanças, mas o conceito é arranjado sob uma metáfora espacial, onde a metáfora do tempo é como um objeto em movimento ou personificada. A imagem é simples: o tempo está se movendo de forma rápida e para frente, e “nós” tentamos acompanhá-lo; contudo, não são todos que conseguem fazer isso e algumas pessoas são “deixadas para trás”. Em (25), a “história” – ou o “tempo” – é conceptualizada como um veículo, com suas rodas potentes e poderosas, que não podem ser paradas, rolando para frente, em direção ao futuro. Em chinês, é comum utilizar membros subordinados à categoria de nível básico CARRO (SCHMALTZ, 2005), bem como empregar figuras de linguagem, como “fluxo de água”, “grande rio”, para o sentido de passagem de tempo. Um provérbio no sentido de (25) é também encontrado em português: “águas passadas não movem o moinho”, onde a expressão “águas passadas” revela o entendimento do tempo como passagem pelo Observador, lembrando que ele não tem como voltar atrás, ao passar pelo “moinho”, subentendido como “história”.

A inferência temporal na fábula *Matéria e o Espírito* se enquadra no Caso 3 por ter como foco narrativo uma disputa de corrida de cavalos entre um rei e um mestre. É criada uma imagem mental baseada na experiência corpórea básica dos indivíduos, que a todo o momento estão se locomovendo de um lugar para outro, com uma destinação espacial (domínio-fonte) e, por extensão de sentido, uma corrida contra o tempo para uma meta ser atingida (domínio-alvo).

Os dois tipos de estruturação para a experiência corpórea da noção de tempo dos indivíduos são envolvidos para a compreensão dessa fábula. O termo CARRUAGEM, membro subordinado à categoria de nível básico CARRO, estrutura a percepção gestáltica – como um dos estruturadores da inferência de passagem de tempo, e o esquema de imagem sinestésico FONTE-PERCURSO-META, relacionado ao conceito espacial direcional FRENTE-TRÁS de CARRUAGEM, estrutura a experiência pré-conceptual que subjaz à Metáfora Conceptual TEMPO É MOVIMENTO. Isso vai ao encontro da proposição de Lakoff e Johnson (1980, 1999) citado anteriormente.

Os verbos de movimento [VIR], [ALCANÇAR] e [CORRER], somados aos itens lexicais [CARRUAGEM], [CORRIDA], [ATRÁS], [FRENTE], [VELOCIDADE], [LONGA], [DISTÂNCIA] ativam o mapeamento da Metáfora Conceptual TEMPO É CORRIDA, conceituando o alvo como fonte, por ter similaridades experienciais.

O tempo em dualidade é encontrado na fábula. Existe um tempo-cenário sobre o qual o Observador, aqui corporificado pelo rei, tem o propósito de vencer a [CORRIDA], que fica adiante, localizada no futuro, como afirma Lakoff e Johnson (1980, 1999). O Observador tem como “concorrente” o próprio tempo-objeto,

personificado na personagem do mestre, uma das características do Caso 3 – o tempo se move no seu próprio ritmo, sendo que o rei trava uma corrida contra ele, querendo superá-lo e não ser deixado para trás.

Essa característica se torna evidente, pelo diálogo do mestre com o rei: “Quando vem atrás de mim, o Senhor quer sempre me alcançar, e quando está na minha frente, tem medo de que eu o alcance”. Aqui ocorre a inferência abstrata de tempo, via transferência metafórica, a partir do mapeamento espacial para o domínio temporal, porque os indivíduos compreendem o tempo pela Metáfora Conceptual TEMPO COMO ESPAÇO e PASSAGEM DE TEMPO COMO MOVIMENTO, onde o futuro está mapeado de frente para o Observador e o passado está atrás do Observador.

Observa-se que a corrida (tempo-cenário) ocorre entre o rei (Observador) e o mestre (tempo-objeto), que percorrem a mesma trajetória, buscando o mesmo propósito: vencer. Ocorre que o rei está fixado em [CORRER] para [ALCANÇAR] ou com medo de que o mestre o alcance, não conseguindo se fixar na sua verdadeira meta, que é vencer a corrida contra o tempo. E este objetivo encontra-se “em frente”, um localizador espacial relacionado com o futuro, como exposto anteriormente. Dessa forma, a “passagem” do tempo é conceptualizada em termos de movimento relativo entre o Observador e o tempo, em termos de espaço, onde a meta de ambos — vencer a corrida — está “em frente”, direção canônica de movimento para o “futuro”.

Percebe-se uma inter-relação entre o domínio do propósito e o domínio físico. A metáfora subentendida é que propósitos são entendidos em termos de destino, e atingir objetivos é algo compreendido como uma trajetória de transição de um ponto de partida ao ponto de chegada. Assim, cada vez que o rei se preocupa com a posição do mestre (ou do tempo), se desarmoniza com a carruagem e com os cavalos, o ritmo se desacelera e, assim, ele perde a corrida.

6. Conclusão

Neste artigo, descrevi a Metáfora Conceptual de Tempo, de Lakoff e Johnson (1980; 1999), e a sua análise, para o chinês, apresentada por Yu (1998), em que me baseei para a análise de uma fábula chinesa, visando corroborar a teoria com evidências empíricas. Como foi demonstrado, o tempo não é conceptualizado em seus próprios termos, mas suportado na experiência corpórea e espacial dos indivíduos.

A concepção sobre o tempo possui coerência organizacional, um esquema de imagens FONTE-PERCURSO-META, como frente-trás, relacionado à orientação direcional dos objetos. Nesse sentido, a frente corresponde à direção canônica do

movimento do objeto e organiza todo um sistema de conceitos em relação a outros conceitos, que são nomeados de *metáforas orientacionais* (LAKOFF e JOHNSON, 1980, 1999). A metáfora básica para o tempo é pensar que à frente de um indivíduo está o futuro (por ser a direção para a qual ele se movimenta), que a sua localização é o tempo presente e que o espaço atrás dele é considerado como o passado.

Foram apresentados três casos especiais, que se estendem da Metáfora Conceptual TEMPO É MOVIMENTO, proposta por Lakoff e Johnson (1980, 1999) e Yu (1998), em que foi demonstrado que o sistema metafórico de tempo, em inglês, português e chinês, é similar. No caso 1, o tempo é conceptualizado como objeto em movimento e o Observador como estacionário; no Caso 2, o tempo é conceptualizado como um cenário estacionário por onde o Observador se movimenta em direção ao futuro; e, no Caso 3, o tempo consiste de dois elementos: o primeiro como um cenário delimitado, à semelhança de uma rua em direção ao futuro, e o segundo, como um objeto que trafega sob esse cenário, em pontos de tempo arranjados previamente. O Observador, neste caso, é como se estivesse travando uma corrida contra o tempo-objeto em movimento, que pode estar à sua frente ou atrás. Tanto o Observador como o tempo-objeto, contudo, estão indo em direção ao futuro, sobre o tempo-cenário. A análise da fábula chinesa corrobora aos argumentos de Yu (1998), no sentido de que o Caso 3 pode ser empregado para o nível inferencial.

A descrição e a análise apresentadas demonstraram que, em chinês, existem os três casos especiais com o mesmo parâmetro direcional: o futuro na frente e o passado atrás. Por fim, a metáfora exerce um papel interessante, ao mapear interações corpóreas, com a finalidade de estruturar e sistematizar a compreensão de domínios da experiência em termos de outro domínio da experiência. Os resultados das pesquisas das últimas décadas comprovam que a metáfora não é um mero ornamento retórico e poético, como prediz a tradição clássica, e sim um aparato cognitivo que impulsiona a mente humana a falar, ver e agir sobre determinados fenômenos, de uma maneira particular.

A metáfora, por seu turno, é como Huizi disse ao rei Liang: “[...] nada mais é do que explicar alguma coisa ou assunto difícil por meio de um exemplo que a outra pessoa conhece, facilitando o entendimento e a compreensão” (CAPPARELLI; SCHMALTZ, 2007, p.133) ou, como afirmam Lakoff e Johnson (1980, p.48): “A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”.

Bibliografia

- CAPARELLI, S.; SCHMALTZ, M. *50 Fábulas da China fabulosa*. Porto Alegre, LP&M, 2007.
- CHAO, Y. A *Grammar of spoken Chinese*. Beijing, Shangwu Yingshuguan (Gráfica Comercial), 2001.
- FERREIRA, L. A *Compreensão da metáfora em língua estrangeira*. 2007. Tese de Doutorado – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago, University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago, University of Chicago Press, 1980. [Tradução para o português: ZANOTTO, Mara Sophia (coord). *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, Mercado de Letras, 2002].
- _____. *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought*. Nova Iorque, Basic Books, 1999.
- LI, C.; THOMPSON, S. *Mandarin Chinese: A Functional reference Grammar*. Berkeley, The Commercial Press, 1981.
- LÜ, S.; DING, S. *Xiandai Hanyu Cidian* (Dicionário de chinês). Beijing, Shanwwu Yinshuguan (Gráfica Comercial), 2002.
- MA, S. Lun Zhongguo yuyan de duli (Discutindo sobre a independência das fábulas chinesas). *Guangming Ribao* (Diário Luminoso), Beijing, 01/09/2004.
- SCHMALTZ, M. *Classificadores nominais chineses: uma abordagem semântico-lingüística experiencialista*. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- WANG, S.Y.; LU, A.B. *Dicionário conciso de chinês-português*. Shanghai, Shanghai Waiyu jiaoyu Chubanshe (Editora de Educação de Língua Estrangeira de Shanghai), 1997.
- YU, N. *The Contemporary theory of metaphor: a perspective from Chinese*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 1998.